em Diabetes
Ano III - número 22 - fevereiro 2019

Atendimento online: vantagens e desvantagens da nova Resolução do CFM

A importância da relação Médico-Paciente no autocuidado

Índice

Editorial 1

As Mudanças na Relação entre Médicos e Pacientes 2

Com a Palavra... a Chave do Bom Relacionamento Médico-Paciente 6

A Humanização da Saúde e a Relação Médico-Paciente 8

Pílulas EmDiabetes 11

Não deixe de acessar o site da Revista EmDiabetes para ler mais informações, entrevistas e coberturas de eventos.

www.emdiabetes.com.br

Convidamos também a nos seguirem nas nossas redes sociais

- **www.facebook.com/revistaemdiabetes/**
- **Instagram • @emdiabetes**
- **Twitter • @rev_emdiabetes**
- **Youtube www.youtube.com/c/revistaemdiabetes**
- **Flickr • www.flickr.com/photos/ revistaemdiabetes/**

Editorial

A tecnologia já ajuda a reduzir distâncias entre um país e outro do Globo, aproxima familiares que moram longe um do outro, faz os amigos se sentirem mais próximos mesmo morando em cidades diferentes e, agora, promete ser o caminho para facilitar a interação entre médicos e pacientes.

A evolução de tratamentos e equipamentos utilizados para solucionar algumas questões de saúde acontece a cada dia. A medicina e a tecnologia estão cada vez mais conectadas, buscando facilitar processos, diagnósticos e, até, para permitir, por exemplo, que uma pessoa que more em um município onde não há atendimento de algumas especialidades possa ser atendida. Conversamos com alguns especialistas sobre a Resolução 2.227/18 do CFM, publicada este mês, que estabelece os requisitos e as práticas para o teleatendimento, e trazemos para vocês um panorama das vantagens e desvantagens dessa prática.

E apuramos os detalhes que envolveram a decisão do Conselho Federal de Medicina, a opinião dos médicos e - apesar do tema ser a comunicação - a falta de diálogo nessa fase final para a implementação da Resolução.

Com tudo isso, a relação médico-paciente também entra em foco.

É preciso preservar a confiança estabelecida neste contato, que já se provou eficaz e fundamental para a adesão e o autocuidado. Estamos na edição 22 da nossa Revista e pela importância do assunto para todos os segmentos que estão envolvidos estamos, pela primeira vez, abordando um só tema. Da vivência, passando por projetos até chegar nas questões técnicas que envolvem esse momento do paciente e do médico.

Nesta edição, apresentamos o projeto Conversa & Cura, no qual os profissionais e educadores em saúde de Valéria e Mauro falam sobre as ações de integração que vem desenvolvendo a fim de resgatar a autoconfiança e, assim, trazer o paciente para o protagonismo do seu próprio tratamento.

Na coluna Com a palavra, abordamos qual é a chave para esse bom relacionamento.

Gostaríamos que lessem com bastante cuidado e que opinassem sobre o que vocês pensam sobre estes assuntos. Mande sua opinião pra nós porque será o tema central da edição de março.

Equipe Revista EmDiabetes
contato@emdiabetes.com.br

Expediente
Equipe de Redação:
Dra. Claudia Pieper - consultora científica
Cristina Dissat
Geraldo Fisher
Juliana Lessa
Diretor de Arte e Fotografia:
Celso Pupo
Jornalistas Responsáveis:
Cristina Dissat – MTRJ 17518
Juliana Lessa – MTRJ 38743

Contato:
E-mail: contato@emdiabetes.com.br
Facebook: Revista em Diabetes @revistaemdiabetes
Instagram: @emdiabetes
Twitter: @rev_diabetes
https://www.youtube.com/c/revistaemdiabetes
www.emdiabetes.com.br

As Mudanças na Relação entre Médicos e Pacientes

Por Cris Dissat

Revolução, impacto, comunicação, tecnologia, telemedicina, consultas online. De repente, no início de fevereiro, dezenas de reportagens com todas as palavras citadas no começo desse texto tomaram conta das redes sociais e da internet.

Afinal o que Está Acontecendo?

No dia 3 de fevereiro, o Conselho Federal de Medicina (CFM) divulgou uma normativa para as regras do uso da telemedicina, onde entre outras decisões, o médico poderá realizar atendimentos à distância. A Resolução Nº 2.227/18 ganhou uma enorme repercussão gerando, no dia 5 de fevereiro, uma nota com esclarecimentos, nos mais variados meios de comunicação e na comunidade médica.

Segundo a divulgação do próprio CFM, o texto define as normas de funcionamento sobre a telemedicina no país e explica que a medida foi resultado de mais de dois anos de discussão. A publicação aconteceu dois dias antes da realização do II Fórum de Telemedicina do CFM, transmitido ao vivo pelo Youtube e que teve, até o momento, cerca de 15 mil visualizações.

Por um lado, grande parte dos médicos reclamou da falta de diálogo para que as normas fossem efetivadas e divulgadas. Enquanto isso, o CFM afirmou - no Fórum - que apesar de solicitações, as contribuições foram pequenas. Entretanto, em meio a avalanche de reclamações, o Dr. Aldemir Humberto Soares, presidente da Câmara Técnica de Informática Médica do CFM, informou - também durante o evento - que nada é definitivo. "Era preciso atualizar uma Resolução que tem 16 anos", disse o Dr. Aldemir. Ele explicou que são 90 dias para a entrada em vigor e achou que foi "muito barulho para pouca discussão".

Depois do Fórum, foi aberta uma nova consulta pública, dirigida aos médicos, para coletar opiniões.

A novela parece que está longe de acabar. Uma das maiores reclamações dos profissionais de saúde diz respeito aos gastos que serão necessários para a

implementação das novas tecnologias de segurança de dados.

Na Endocrinologia

O paciente precisa saber exatamente o que haverá de novidade, restrição ou facilidade para opinar sobre a decisão. Por isso, a Revista EmDiabetes ouviu seis especialistas e também um jornalista científico / médico para que se tenha um panorama do que está acontecendo e qual será o impacto na comunicação e na relação entre médico e paciente.

Aliás, o tema já vem sendo analisado há muito tempo, gerando diversos trabalhos entre os jornalistas científicos. Um deles resultou em um livro, com data de 2006, intitulado "A Comunicação também cura na relação entre médico e paciente", organizado por Isaac Epstein.

Situação Irreversível

O Dr. Walter Minicucci, ex-presidente da Sociedade Brasileira de Diabetes e que também foi um dos coordenadores do site da SBD durante muito tempo, comentou que as conversas não param entre os médicos. "Há 10 anos já falávamos sobre isso. Vivemos em uma situação irreversível na medicina com as novas tecnologias. As consultas vão caminhar para o mundo online, lembrando que sempre é melhor a presença do paciente, mas novos caminhos surgiram".

O Dr. Minicucci lembra que muitos atendimentos hoje em dia são precários e destaca o fato de que por diversas vezes, o paciente é atendido em pé, nos corredores de hospitais. "No Brasil são cerca de 14 milhões de pessoas com diabetes e muitos têm dificuldade de retornar às consultas para, por exemplo, mostrar um perfil de glicemia. Isso pode ser feito com pacientes que você conhece e à distância". Ele explica que os médicos recebem informação via whatsapp e alguns mandam fotos até de alguma lesão, quando o fato ocorre em um fim de semana. Fazemos, inclusive, encaminhamento para um pronto-socorro se for o caso".

A questão é que tudo isso é trabalho do médico e a falta de esclarecimento sobre esses pontos é que vem gerando a confusão. Foi essa uma das colocações da Dra. Flavia Conceição, ex-presidente da Sociedade Brasileira de Endocrinologia e Metabologia Rio de Janeiro. "A telemedicina está aí e precisamos nos ajustar às novas tecnologias. Mas a Resolução tem que estar mais clara, sem margens para interpretações equivocadas."

Para a endocrinologista, problemas irão acontecer se os termos da Resolução se mantiverem como estão. "É preciso ampliar a discussão entre os Conselhos Regionais e as Sociedades de Especialistas precisam opinar mais, evitando margens para problemas futuros".

Útil e Necessária, mas...

A endocrinologista Dra. Solange Travassos vem acompanhando desde 2004 os avanços da telemedicina, especialmente na área de diabetes e oftalmologia. "Acho uma solução útil e necessária, mas que carece de regulamentação adequada. A resolução precisa ser melhorada através de um amplo debate".

Ela vem participando de diversas atividades internacionais, onde o assunto sobre a evolução tecnológica no tratamento do diabetes é uma constante, e afirma que a telemedicina já faz parte da rotina de quem trabalha com tecnologia. "Analiso, diariamente, vários relatórios glicêmicos enviados por e-mail ou através de redes sociais, sem remuneração adicional. Acredito que um dos desafios será estipular uma estratégia

de remuneração e também o combate à má prática médica. Como alguns colegas já falaram, não acho que as consultas presenciais vão desaparecer, é muito difícil substituir uma boa relação médico-paciente".

Consulta Pública no CFM

Uma consulta aos profissionais de saúde foi aberta no site do CFM para colher novos dados, mas o tempo é curto. E foi agendada uma reunião para o dia 19 de fevereiro com a presença dos Conselhos Regionais de Medicina.

O Dr. Ricardo Meirelles, presidente da Comissão de Comunicação Social da SBEM Nacional, comenta que existem dúvidas e que o próprio Conselho voltou atrás, diante das críticas ao atendimento por telemedicina. "Acho que pode ser útil para os médicos que trabalham em locais remotos e podem consultar seus pares nos grandes centros. Em algumas áreas, como nos controles de glicemia, já fazemos isso com pacientes, que enviam seus resultados por meio digital e fazemos ajustes das doses de insulina a ser aplicada. Em outras situações, será muito arriscado, tanto para pacientes como para os médicos."

Entre os pontos debatidos está a instalação de ferramentas digitais que garantam o sigilo, através de gravações das consultas e autorização do paciente para o arquivamento de dados. Enquanto o Dr. Aldemir, da Câmara Técnica do CFM, afirma que o investimento é perfeitamente possível, já os médicos explicam que as exigências da Resolução irão demandar gastos que não haviam sido previstos.

Grande Expectativa

O Dr. Reginaldo Albuquerque, endocrinologista e um dos fundadores da Sociedade Brasileira de Informática e Saúde, diz que havia uma grande expectativa em torno da nova Resolução, entretanto, são diversos "ruídos" observados nesse momento.

"São várias facetas da questão, gerando muita discussão sobre a relação médico-paciente, gerada já na primeira consulta, e se ela deixará de existir ou não a partir de agora". Ele esclarece que a comunidade médica tinha grande interesse quanto à regularização das consultas médicas não presenciais, lembrando que o CFM, anteriormente, proibia qualquer tipo de abordagem não presencial.

Ele explica que a grande discussão é que os médicos, de um modo geral, que têm consultório ou trabalham em grandes instituições acreditavam que a Resolução abrangesse todas as nuances do atendimento médico. Para o endocrinologista, talvez estas normas tenham sido elaboradas com mais profissionais de formação em tecnologia do que por profissionais médicos. "Houve um mal encaminhamento das propostas e, talvez, escolhas não tão adequadas dos profissionais que desenvolveram a Resolução".

Sistemas simples de comunicação são usados atualmente pelos médicos, mas algumas exigências da Resolução não são viáveis economicamente para serem adotadas, como vem sendo colocado por muitos profissionais de saúde. Segundo o Dr. Reginaldo, os profissionais de saúde precisariam abandonar equipamentos usados atualmente e adquirir outros novos e mais caros.

Os aspectos relativos à confiabilidade são essenciais e está claro para todos, mas existe dúvidas em relação aos padrões adotados na Resolução. E surge, então, uma nova questão: Como fiscalizar a nível nacional?

Visão do Jornalismo Científico

A Revista EmDiabetes também ouviu outros segmentos. Arquimedes Pessoni é editor-associado da INTERCOM – Revista Brasileira de Ciências da Comunicação (Qualis A2) e líder do grupo de pesquisa CNPq "Inovação em comunicação de interesse público em saúde".

"Em relação à Resolução CFM nº 2.227/18, acredito que os órgãos representativos de diversas categorias de saúde estão se adequando aos novos tempos, em que a tecnologia vem pra ficar e para ajudar na resolutividade. Na área da Psicologia, a Resolução 11/2012, do Conselho Federal de Psicologia, já regulamentava os serviços psicológicos realizados por meios tecnológicos de comunicação à distância e o atendimento psicoterapêutico em caráter experimental."

Ele enfatiza que, desde que respeitado o sigilo do paciente e com sua prévia autorização por meio de termo de consentimento (assim como acontece nos comitês de ética em pesquisa) representa uma economia de deslocamento desnecessário de pacientes e acompanhantes. "Isso representa inúmeras vantagens para ambos. Claro que nada substitui o olho no olho, o toque como meio de mostrar cuidado, preocupação, aferir outras informações que ainda são complicadas mesmo com o auxílio de aparelhos de vídeo. De qualquer forma, representa – sim – um avanço nessa relação médico-paciente."

Arquimedes explica que um levantamento recente da SECOM (Secretaria de Comunicação Federal) mostra que mais da metade dos brasileiros já estão conectados à Internet e a principal forma de acesso é o aparelho celular. "Usar consultas online, principalmente em áreas distantes desse imenso país vai, com certeza, ajudar no processo de comunicação médico-paciente mediado por tecnologia". ■

Sigilo Médico

O Dr. Renato Redorati, médico associado da SBEM, acredita que se a Resolução for bem regulamentada pelo CFM e sendo este órgão e/ou os regionais os seus fiscalizadores, ajustando a forma de remuneração médica atrelada ao sigilo – que sempre existiu no atendimento –, cria-se uma nova forma de prestação de serviço.

"Na Inglaterra o site pushdoctor.co.uk é um exemplo de como o serviço está sendo prestado, contendo valores e soluções para envios de receita médica. Cabe compreender que entorses, traumas, rashes, edemas entre outras enfermidades, onde a presença do médico é de total relevância, não cabem a telemedicina". Ele lembra que não se pode "parar o relógio da telemedicina e os avanços tecnológicos".

Para o médico, é preciso compreender e atuar nessa nova forma de atendimento com respeito e dignidade conquistados junto aos pacientes.

Conselhos Regionais, Associação Médica e CFM

Os posicionamentos contra e a favor vieram de diversos locais. No site do Conselho Regional de Medicina do Rio de Janeiro, uma nota foi publicada informando que o Conselho não participou do debate para a elaboração do posicionamento e que "tem inúmeras críticas e sugestões para a melhor incorporação dessa tecnologia à boa prática médica e para a saúde da população".

Não há informações no site da AMB (Associação Médica Brasileira) sobre as reuniões e decisões. Já no do CFM foi publicada uma plataforma para colher sugestões, onde poderão participar todos os médicos regularmente inscritos nos Conselhos Regionais de Medicina. ■

- Clique aqui para acessar a plataforma
- Contribuições poderão ser formalizadas junto ao Conselho Federal em até 60 dias

Comunicação: a Chave do Bom Relacionamento Médico Paciente

Por Dra. Claudia Pieper

A comunicação é a pedra angular da nossa interação com as pessoas e uma das ferramentas mais importantes da relação médico-paciente. Além disso, uma das chaves para estabelecer um bom diálogo de troca que seja eficaz é a empatia.

Esse conjunto de fatores ajuda as pessoas - neste caso, médico e paciente - a se entenderem melhor e, como resultado, os aproxima um do outro.

Costumava-se acreditar que o trabalho de um médico era apenas fazer um diagnóstico correto, concentrando-se somente no sintoma e tentando "corrigi-lo", através do medicamento adequado. O médico era quem decidia pelo tratamento sozinho, sem sequer pedir a opinião do paciente, porque o "conhecia melhor"; ele era o especialista.

Geralmente, o que ele realmente precisava fazer era "consertar a parte do corpo do paciente que não estava funcionando bem". E isto era tudo. Ele não precisava se comunicar com o paciente, perguntar como este estava se sentindo, ou no que ele estava pensando. O médico tinha a primeira e a última palavra.

No entanto, o paciente não é uma máquina que só precisa de reparo.

A qualidade da relação entre o paciente e o profissional de saúde pode ser terapêutica. A confiança é o componente mais importante desse relacionamento e isso não é algo que compramos ou pedimos emprestado a outros, é algo que conquistamos.

Além disso, as informações abordadas

A qualidade da relação entre o paciente e o profissional de saúde pode ser terapêutica para o paciente.

pelo profissional de saúde precisam ser explicadas em uma linguagem que o paciente possa entender. É importante evitar o jargão médico, que pode confundir ainda mais o paciente.

Em uma relação de confiança, o poder da palavra do médico pode exercer um efeito terapêutico, melhorando inclusive adesão ao tratamento.

Na relação médico-paciente, o especialista deve ser capaz de se colocar no lugar do paciente e ver o mundo através dos olhos dele, para entender como está sentindo, e levar em conta a opinião e ponto de vista dele sobre o próprio tratamento. Desta forma, o paciente passa a se sentir envolvido no tratamento, se tornando parte da tomada de decisões e, por fim, gerando maior comprometimento.

É importante também perceber que o médico e os profissionais de saúde são seres humanos que têm que lidar com questões existenciais, como a morte e o medo do desconhecido. É necessário, basicamente, aprender através de uma boa comunicação a unir o lado técnico com o lado humanizado do cuidado.

Benjamin Franklin, que viveu no século XVIII na era do Iluminismo, além de um grande cientista foi também jornalista e diplomata. Uma de suas frases mais citadas demonstra bem a importância de um boa comunicação e relação de empatia entre as pessoas: "Você me fala, eu esqueço; Você me ensina, eu lembro; Mas se você me envolve, eu aprendo". ■

A Humanização da Saúde e a Relação Médico-Paciente

Por Juliana Lessa

Quando uma consulta é feita sem julgamentos e procurando saber mais do que a doença em si, o profissional permite ao adulto, ao jovem ou à criança compreender como cuidar da própria saúde.

A humanização e a comunicação adequada levam, muitas vezes, à situação em que um paciente com medo e despreparado saia do consultório do seu médico diferente da maneira como entrou.

A educação em saúde, além de promover o autoconhecimento, interfere de forma positiva na adesão do paciente a um diagnóstico e ao próprio tratamento.

Neste sentido, os profissionais Valéria Rôças e Mauro Lopez Rego partiram do que escutaram e vivenciaram em suas práticas como gestores e educadores em saúde e criaram o projeto Conversa & Cura. A obra busca e promove reflexões sobre a prática humanizada em saúde considerando empatia, inclusão, análise de determinantes sociais e criatividade: "tratar diferente os diferentes".

Valéria e Mauro destacam que este é o desafio posto a cada encontro entre profissionais e pacientes, onde todos são mestres e aprendizes.

Revista EmDiabetes: O que a educação em saúde traz de benefícios no tratamento do paciente?

Valéria Rôças: Uma vez que a educação em sentido amplo trabalha em favor da autonomia dos sujeitos, a educação inserida no campo da saúde ressalta a importância do autoconhecimento e do autocuidado dos pacientes em favor de seu bem maior, que é a própria vida.

Quando se pensa em educação em saúde o ponto de partida é compreender que sua prática não pode estar associada à transmissão de conhecimentos ou mera adoção de hábitos saudáveis. Horizontalizar a abordagem e reconhecer a potência dos sujeitos e o contexto onde se inserem é o diferencial nos resultados que se pretende alcançar.

Nossa prática demonstrou que a educação em saúde não está apartada da abordagem clínica. Pelo contrário, todos os espaços são adequados à educação (do paciente e do profissional), desde que esteja presente a "dupla dinâmica" disponibilidade-disposição para o aprendizado e a troca.

Os benefícios são evidentes. Pacientes deixam de ser "pacientes" [no sentido de serem passivos], tornando-se "ativentes": autores e protagonistas de suas histórias e de sua saúde. Fórmula de sucesso!

Revista EmDiabetes: A relação médico-paciente interfere diretamente na adesão ao tratamento. Como trazer isso para o dia a dia do consultório, de modo

a fazer uma melhor interação com o paciente?

Valéria Rôças e Mauro Lopez: Onde começa o atendimento? Na sala de espera? Dentro do consultório? Num encontro casual? Num telefonema? Num olhar? Num diálogo? Ou até num silêncio, quando nada há a ser dito?

Muitos pacientes associam o contato com profissionais de saúde a momentos de dor e sofrimento. O medo do julgamento, a culpa por algo que fez ou deixou de fazer e até a vergonha são sentimentos frequentes nesse encontro. Reverter essa experiência e criar um ambiente de acolhimento, confiança e positividade são tarefas iniciais de qualquer especialista.

Seguindo-se a este primeiro esforço de empatia, é necessário focar a atenção naquilo que preocupa ou angustia o paciente de forma solidária e atenta, reconhecendo e enfatizando as melhores maneiras de lidar com cada situação.

Pessoas são únicas e precisam ser compreendidas nas suas singularidades. Entendemos que isso é o que paciente espera de nós e nos perguntamos, ao final de cada atendimento, roda de conversa, oficina ou palestra que realizamos, se conseguimos perceber e influenciar os participantes de tal forma que saiam dali refletindo sobre sua saúde e suas potencialidades, para melhorar a sua qualidade de vida.

Usar da sensibilidade e do lúdico para criar vínculo, acolher e fortalecer os pacientes. ■

Valéria Rôças é especialista em Saúde Coletiva pela ENSP, em Gestão em Saúde da Família pela UERJ, concentrando seu interesse em Saúde Bucal Coletiva. Como Odontóloga Sanitarista do Departamento Nacional do Sesc trabalhou na definição e implantação de modelos teórico-práticos, elaboração de publicações, qualificação e desenvolvimento de equipes clínicas em todo o país. Integrou a equipe docente do Curso de Educação em Saúde e Saneamento Ambiental (PUC Rio). Com prática clínica de três décadas, onde aplica e desenvolve princípios de humanização e ludicidade.

Mauro Lopez Rego é gestor de projetos sociais, engenheiro de comunicações pelo IME e arte-educador. Pós-graduado em gerência e planejamento de projetos pela UFAC e Mestre em administração pela FGV Rio. Atuou como professor em educação básica e no ensino superior de engenharia, e com arte-educação em projetos de atividade artística, no Clã do Jabuti Criação Verbal e no Grupo Clãdestino de Arte Educação. Foi gestor do Departamento Nacional do Sesc das áreas de Planejamento, Programas Sociais, Sustentabilidade, Estudos e Pesquisas e Diretor Regional do Sesc no Rio Grande do Sul e Rio de Janeiro.

"Para humanizar o outro é preciso, antes de tudo, humanizar a si próprio"

emDiabetes
Retrospectiva Do sonho à realização: confira os momentos marcantes do primeiro ano da nossa história
Entrevista com a educadora Sonia de Castilho do Blog DM2 Fora do Armário
Ação EmDiabetes: Conheça os Novos Talentos que Despontam no Esporte
Alcance de aproximadamente 100.000 pessoas
Uma conexão entre pacientes e médicos
Seja nosso parceiro!
contato@emdiabetes.com.br

Por Cris Dissat

Revista SCIENCE

Foi publicado na Revista Science, o lançamento de comprimidos armados com pequenas agulhas que poderiam injetar insulina e outros medicamentos importantes direto no estômago.

Pesquisadores relataram que eles projetaram uma cápsula que, uma vez ingerida, dá uma pequena picada no revestimento do estômago, através de um pequeno orifício, para administrar insulina ou outros medicamentos chamados biológicos que não podem ser tomados pela boca.

Ultrapassar essas barreiras " é um dos maiores desafios e objetivos sagrados do desenvolvimento de drogas", diz Carlo Giovanni Traverso, gastroenterologista e bioengenheiro da Harvard Medical School em Boston e do Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT) em Cambridge.

Como toda pesquisa, a pílula ainda está em fase de testes, porque é preciso garantir que a criação de pequenas perfurações no estômago não represente problemas de saúde a longo prazo para os pacientes, e que proteínas ou bactérias indesejáveis não se formem ao lado da insulina. ■

Debate sobre Novas Tecnologias

Em abril, a Sociedade Brasileira de Diabetes realiza mais uma edição do Simpósio Internacional de Tecnologias em Diabetes - www.sitec2019.com.br. Os eventos anteriores aconteceram em 2015 e 2017, sempre levantando questões importantes sobre as novas tecnologias para o tratamento.

No último dia 9 de fevereiro, uma reunião aconteceu na sede da SBD, em São Paulo, com a presença dos doutores Ana Claudia Ramalho, André Vianna, Denise Franco, Luis Eduardo Calliari, Marcio Krakauer, Mauro Scharf, Melanie Rodacki, Monica Gabbay e Walter Minicucci, que discutiram as recomendações para o uso das setas de tendência dos sensores de glicose intersticial. Este será um dos temas do SITEC em abril. ■

Transtornos Alimentares

Está no ar o site do XVI Congresso de Transtornos Alimentares que acontecerá no Rio de Janeiro, de 5 a 7 de setembro. Na programação do evento, o primeiro dia será dedicado ao público leigo, com debates e apresentações dos especialistas.

As inscrições para esse dia são gratuitas, mas com número limitados. Fiquem atentos à abertura das inscrições para esse dia. O endereço do site xivcongressochla.com.br/ ■

Uma Boa Troca de Informações

No dia 16 de fevereiro acontece o Encontro de Diabéticos Duque de Caxias. A Revista EmDiabetes é uma das apoiadoras do evento e já deseja boa sorte aos organizadores. A atividade será no sítio do Sindicato do Rodoviários de Parada Angélica que cedeu, gentilmente, o espaço.

Hora de bater papo, trocar informações e ver que tem muita gente querendo a mesma coisa que você: conversar. O sítio fica na Rua Coronel Sisson, Parada Angélica, Duque de Caxias. ■

Reunião na AMB sobre a Resolução

Durante o Fórum sobre tecnologia e saúde, realizado pelo Conselho Federal de Medicina (veja a reportagem nesta edição), foi mencionada uma reunião com representantes dos Conselhos Regionais para discutirem sobre a nova Resolução, que define consultas online e outros procedimentos na relação entre médico e paciente através da internet.

O encontro estava marcado para o dia 19 de fevereiro. Entramos em contato com a AMB para confirmação, mas ainda não obtivemos resposta. ■

O Índice da Curiosidade

A Merck vem divulgando um estudo realizado em 2018 sobre a curiosidade das pessoas e o ambiente de trabalho ideal. Como a curiosidade é algo que faz parte do DNA da equipe da Revista EmDiabetes, resolvemos conhecer um pouco sobre os dados desta pesquisa.

O site é muito interativo, você a clicar e ir descobrindo resultados. Alguns números vão de encontro ao estilo do nosso projeto como uma liderança compartilhada e a "Abertura para Outras Ideias".

Estamos entrando no segundo ano da revista e a curiosidade só aumenta. Resta saber quem terá curiosidade de seguir nossos passos também.

Para acessar o estudo clique neste link. ■

Chamada para Apoio a Associações

A Janssen, da Johnson & Johnson, abriu uma chamada pública para recebimento de projetos desenvolvidos por organizações civis sem fins lucrativos que trabalhem em prol de pacientes de diversas áreas terapêuticas.

As iniciativas devem buscar melhorias para os sistemas de saúde do Brasil, disseminação de informação e conscientização sobre doenças que têm grande impacto para pacientes, famílias e sociedade.

O apoio financeiro será concedido aos projetos selecionados, novos ou em andamento, executados no Brasil em 2019, que atuam para a melhoria da assistência à saúde no país. A cooperação deve se basear em valores como ética, transparência, integridade, respeito, comunicação clara e benefício aos pacientes. As inscrições poderão ser feitas até 15 de março e o edital com todas as informações sobre o processo está disponível no link https://goo.gl/tsZS2B. ■

CCHLA Rio 2019

SOCIEDADE BRASILEIRA DE DIABETES

SBEM Sociedade Brasileira de Endocrinologia e Metabologia

ASSEP IEDE

CETTAO

Transtornos Alimentares: Interface com Distúrbios Endócrinos e Metabólicos

5 a 7 de Setembro de 2019 - Rio de Janeiro - Hotel Windsor Flórida

CAPÍTULO HISPANO LATINO AMERICANO AED

WWW.XIVCONGRESSOCHLA.COM.BR